

MANUSCRITOS DA ORALIDADE - ESCUTA E RESSIGNIFICAÇÃO DE HISTÓRIAS NARRADAS POR MULHERES IDOSAS**MANUSCRIPTS OF ORAL TRADITION - LISTENING TO AND REINTERPRETING STORIES TOLD BY ELDERLY WOMEN****MANUSCRITOS DE TRADICIÓN ORAL - ESCUCHANDO Y REINTERPRETANDO HISTORIAS CONTADAS POR MUJERES MAYORES**

10.56238/revgeov17n2-004

Cinthia Lucia de Oliveira Siqueira

Doutora em Psicologia

Instituição: Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

E-mail: cinthiasiqueira@unicentro.brOrcid: <https://orcid.org/0000-0002-7047-6923>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2352604217505279>**Adrieli Camargo Koslosvski**

Graduada em Fonoaudiologia

Instituição: Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro)

E-mail: adrielikoslosvski@gmail.comOrcid: <https://orcid.org/0009-0008-8502-0268>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1142471304744822>**Gabriela Fornel Leão**

Graduada em Fonoaudiologia

Instituição: Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

E-mail: leao.gabriela@gmail.comOrcid: <https://orcid.org/0009-0008-7401-935X>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6253532140824885>**Maria Jaqueline Vieira Santos**

Graduada em Fonoaudiologia

Instituição: Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

E-mail: jaque.santtos3005@gmail.comOrcid: <https://orcid.org/0009-0002-0710-6142><http://lattes.cnpq.br/0751001998769136>**Thamires Ferreira Oratch**

Graduada em Fonoaudiologia

Instituição: Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

E-mail: thamiresferreiraoratch@gmail.comOrcid: <https://orcid.org/0009-0000-3505-3178>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/589073658660392>

RESUMO

Estudos apontam que as pessoas idosas, por terem vivenciado certa privação à educação formal, marcada por trajetórias escolares incompletas ou tardias, apresentam descrença quanto à dimensão de seus saberes. Dada a dívida histórica acumulada para com estas pessoas, o objetivo deste trabalho foi pesquisar em que medida uma ação que investe na oralidade e destaca o percurso de vida como merecedor de partilha, pode potencializá-las como sujeitos da linguagem. Sustentado na premissa de que a história oral é um caminho promissor para o deslocamento de sentidos e significados na velhice, o presente estudo propõe-se a descrever e analisar os efeitos de uma escuta sensível seguida do registo poético de narrativas de vida de 15 mulheres participantes de um projeto de extensão voltado à educação de pessoas idosas - a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI). Os resultados mostram que tal ação permitiu ampliar os vínculos entre diferentes períodos etários e atribuir um propósito maior aos enredos de suas vidas. Os achados também revelaram a importância dos espaços não formais de aprendizagem para o deslocamento nos modos de ser, agir e pensar das pessoas idosas. Como desdobramento desta pesquisa, sugere-se que tais histórias possam circular em outros contextos escolares - com vistas a enriquecer a escuta e a partilha do patrimônio cultural enriquecido pela longevidade.

Palavras-chave: Gerontologia Educacional. UATI. Envelhecimento. Educação ao Longo da Vida. História Oral.

ABSTRACT

Studies indicate that older adults, having experienced a certain deprivation of formal education—marked by incomplete or delayed schooling trajectories—often display disbelief in the value of their own knowledge. Given the historical debt accumulated toward this population, the objective of this study was to investigate to what extent an action that invests in orality and highlights life trajectories as worthy of sharing can empower them as subjects of language. Grounded in the premise that oral history is a promising pathway for shifting meanings and interpretations in old age, the present study aims to describe and analyze the effects of sensitive listening followed by the poetic recording of life narratives of 15 women participating in an extension project focused on the education of older adults—the Open University for the Third Age (UATI). The results show that this action made it possible to strengthen bonds between different age groups and to attribute greater purpose to the narratives of their lives. The findings also revealed the importance of non-formal learning spaces in transforming the ways older adults are, act, and think. As an outcome of this research, it is suggested that such stories circulate in other educational contexts, with a view to enriching listening practices and the sharing of cultural heritage enhanced by longevity.

Keywords: Educational Gerontology. UATI. Aging. Lifelong Education. Oral History.

RESUMEN

Los estudios indican que las personas mayores, por haber experimentado cierta privación de la educación formal —marcada por trayectorias escolares incompletas o tardías—, presentan desconfianza respecto a la dimensión de sus saberes. Dada la deuda histórica acumulada con estas personas, el objetivo de este trabajo fue investigar en qué medida una acción que invierte en la oralidad y destaca el recorrido de vida como digno de ser compartido puede potenciarlas como sujetos del lenguaje. Sustentado en la premisa de que la historia oral es un camino prometedor para el



desplazamiento de sentidos y significados en la vejez, el presente estudio se propone describir y analizar los efectos de una escucha sensible seguida del registro poético de narrativas de vida de 15 mujeres participantes de un proyecto de extensión orientado a la educación de personas mayores: la Universidad Abierta a la Tercera Edad (UATI). Los resultados muestran que dicha acción permitió ampliar los vínculos entre diferentes etapas etarias y atribuir un mayor propósito a los relatos de sus vidas. Los hallazgos también revelaron la importancia de los espacios no formales de aprendizaje para el desplazamiento en los modos de ser, actuar y pensar de las personas mayores. Como derivación de esta investigación, se sugiere que tales historias puedan circular en otros contextos educativos, con el fin de enriquecer la escucha y el intercambio del patrimonio cultural enriquecido por la longevidad.

Palabras clave: Gerontología Educativa. UATI. Envejecimiento. Educación a lo Largo de la Vida. Historia Oral.



1 INTRODUÇÃO

A longevidade apresenta-se como uma conquista cada vez mais exitosa da humanidade, portanto, nunca, como na atualidade, se fez tão necessário pensar e discutir a educação das pessoas que envelhecem, especialmente quando se considera a privação escolar sofrida por esta população que, no caso das mulheres idosas, especialmente as de camadas sociais mais pobres, apresenta-se ainda maior, isso porque, desde muito cedo, elas eram demandadas para tarefas domésticas, trabalho na roça e cuidados com os irmãos menores - atribuições que tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas (Louro, 2001).

Pesquisa recente, realizada em 2020 pelo SESC de São Paulo, em parceria com a Fundação Perseu Abramo, confirma esta realidade. Após entrevistar cerca de 4.144 pessoas, incluindo jovens, adultos e idosos de diferentes regiões do Brasil, constata-se que o número de pessoas com mais de sessenta anos que nunca foi à escola é de 14% em contraste com 1% da população não idosa entrevistada. Condição que se agrava quando são acrescentados critérios de gênero e cor, revelando que mulheres negras idosas têm o menor grau de escolaridade do país.

Situação igualmente denunciada por Filho e Massi (2014) cujos estudos confirmam que as pessoas idosas, por terem tido uma história de acesso precário à educação formal - decorrente de trajetória escolar incompleta ou tardia - apresentam pouca circulação na leitura e escrita e, por conseguinte, certa descrença no valor de seus saberes. Como um caminho promissor para enfrentar esta realidade, Torquato, Massi e Santana (2011) sugerem práticas intergeracionais em que a linguagem (oral ou escrita) circule de modo dialógico.

Para Massi e Lourenço (2011), práticas sociais significativas favorecem a escuta atenta e interessada e favorecem o uso da linguagem entre as pessoas idosas. Outros estudos (Reimann e Massi, 2013; Filho e Massi, 2014; Ferreira *et. al.*, 2015; Santos e Massi, 2018) destacam, inclusive, os relatos autobiográficos como especialmente bem vindos, uma vez que conferem grandeza às experiências longevas.

É fato que, se para algumas pessoas idosas houve escassez de escolaridade, para todas há fartura de lembranças, sendo assim, acredita-se que a educação na velhice precisa favorecer o ofício de rememorar, reconstruir e compartilhar biografias, pois a cada recordação evocada, novos sentidos emergem, nova pessoa se compõe.

Isto posto, o presente estudo propôs-se a descrever e analisar os efeitos de uma escuta sensível seguida do registo poético de narrativas de vida de mulheres participantes de um projeto de extensão voltado à educação de pessoas idosas - a Universidade Aberta à terceira idade (UATI). Considerando as poucas oportunidades que as participantes desta UATI tiveram de frequentar a escola e o restrito trânsito na linguagem escrita experimentado em seus cotidianos, o objetivo foi pesquisar em que medida uma ação que investe na oralidade e destaca o percurso de vida como algo extraordinário pode



potencializar essas pessoas como sujeitos da linguagem.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 IDOSAS PROTAGONISTAS DAS HISTÓRIAS

A ação teve início em abril de 2025 no contexto de duas disciplinas ministradas por uma mesma professora e ofertadas ao quarto ano do curso de Fonoaudiologia da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), a saber: 1. Oficinas de linguagem, 2. Estudos Integrativos IV - ambas com previsão e possibilidade de realização de ações coletivas voltadas a práticas discursivas em espaços comunitários. Dado que as estudantes já haviam finalizado a disciplina de gerontologia educacional com a mesma professora e esta coordenava o projeto da UATI - decidiu-se desenvolver uma pesquisa participante com as idosas pertencentes a este espaço.

O grupo em que se deu a ação era formado por aproximadamente 15 idosas, além de 13 estudantes e uma professora. Ao todo foram realizados 15 encontros semanais, de aproximadamente 1h30 cada encontro.

Vale dizer que das 15 idosas participantes quatro estudaram até a quarta série primária (atual 5º ano), duas até a terceira série (atual 4º ano) e uma delas até a primeira série (atual 2º ano). Cinco concluíram o ensino fundamental e três finalizaram o ensino médio. Sobre o trabalho, duas afirmam ter exercido atividade remunerada - uma na lavoura e a outra como diarista, as outras disseram ter se dedicado aos cuidados com a casa e com os filhos.

Com exceção de uma delas, que é sustentada pelos filhos, catorze recebem aposentadoria, sendo que doze referem viver com um salário mínimo. Apenas uma está casada atualmente, as outras declararam-se solteiras, divorciadas e a maior parte viúva. Todas residem em uma cidade do interior do Paraná com aproximadamente 14.500 habitantes e viajam até Irati/PR toda quarta-feira para participarem das aulas da UATI. Muitas relatam que estão na Universidade porque não tiveram oportunidade de estudar em outros tempos e conservam o desejo de aprender. E foi diante deste contexto e destas mulheres, desejosas de novas experiências, que iniciou-se o trabalho.

2.2 ESTRATÉGIAS E PRESSUPOSTOS DE ESCUTA E REGISTRO

A pesquisa participativa foi concomitante ao desenvolvimento das atividades realizadas com as idosas. Desde o início, além da videografia das histórias narradas pelas idosas, todas as ações e seus desdobramentos foram anotadas em diários de campo para posterior discussão. Deste modo, estudantes e professora se reuniam semanalmente para analisar os sentidos constituídos nos encontros e para repensar e reajustar o encaminhamento do trabalho. No último encontro foi realizada uma roda de conversa com as idosas a fim de colher os efeitos e afetos que haviam ficado e significado a cada participante.



O uso do diário como instrumento de pesquisa pretendeu abarcar o contexto de produção em que as situações aconteciam, isso porque, embasado na perspectiva sócio-histórica de pesquisa, interessava ao estudo não apenas a aparência externa do que se experimentava ou elementos em separado, mas o movimento das idosas e das alunas, as dinâmicas das relações - estas sim, reveladoras do processo (VYGOTSKI, 1931/1995).

Para Vygotsky (1931/1995) a pessoa pesquisada não é passiva, mas constituída no e constituinte da pesquisa, o que invalida situações artificiais em que se intenta programar e controlar comportamentos que não oferecem contribuição à compreensão da complexidade humana. Em sua proposta metodológica, ao invés de separar, controlar e suspender a situação observada, são privilegiados os movimentos, as transições e as relações de constituição recíproca entre quem pesquisa e quem (ou o que) é pesquisada/o.

Deste modo, os relatos a seguir procuram desviar-se da análise estática e imparcial para evidenciar as interações e as transformações a que todas estavam sujeitas - idosas, estudantes e professora, de modo que o conhecimento a respeito destas relações não estava dado a priori, mas foi se constituindo no momento da investigação, sendo ao mesmo tempo premissa e produto, instrumento e resultado da pesquisa (VYGOTSKI, 1931/1995).

2.3 COMPOSIÇÃO E RECONFIGURAÇÃO DOS ENCONTROS

No primeiro momento, o foco foi a aproximação com as idosas e a sensibilização do grupo para o contar histórias. Cada participante foi convidada a trazer um objeto significativo que pudesse representar um momento importante de sua vida, como uma fotografia, uma joia, um utensílio antigo ou algo com valor simbólico. Esses objetos serviram como disparadores narrativos: "O que ele conta sobre você? Onde esteve com você? O que representa hoje?".

Nas primeiras semanas, participantes e pesquisadoras sentavam-se em semicírculo e dispunham uma poltrona à frente, aberta a quem sentisse o desejo de partilhar algo sobre sua vida. A pergunta disparadora era: qual história você gostaria de deixar ao mundo? Não havia ainda um desenho bem definido de como a roda aconteceria, tampouco uma temática e/ou encaminhamento pré-definidos. Diante desta pretensa fluidez e espontaneidade narrativa percebeu-se certa dificuldade na sequência discursiva das idosas, as quais, muitas vezes, divagavam em conversas dispersas ou desabafos particulares. A condução das rodas de conversa por parte das alunas também se mostrou inicialmente tímida e insegura, solicitando maior definição e clareza nos papéis e estratégias adotadas por cada uma.

Decidiu-se então reformular a metodologia dos encontros. A turma de estudantes foi dividida em pequenos grupos, cada qual teria o seu dia específico de condução, permitindo maior aproximação entre elas e as idosas. Além disso, foi criado um novo roteiro para guiar as rodas de conversa, com temas definidos previamente para cada semana: lendas e causos, histórias de amor, histórias de família,



e outros que foram surgindo ao longo dos encontros. Essa estrutura temática ajudou a inspirar e motivar as participantes, além de melhor organizar e orientar a prática das estudantes - fazendo emergir relatos que diziam de cada uma e, ao mesmo tempo, ecoavam a vivência cultural e coletiva de todas elas. O registro da totalidade de histórias orais contadas pelas idosas foi realizado por meio de vídeos e áudios. Esse material foi organizado conjuntamente em um drive compartilhado com toda a turma, possibilitando um acompanhamento mais sistemático do percurso de cada idosa.

2.4 EFEITOS E DESDOBRAMENTOS DOS MANUSCRITOS

No decorrer das ações, houve melhor organização e condução das atividades por parte das estudantes, entretanto, percebia-se a necessidade de maior implicação das mesmas, as quais mostravam-se ainda um tanto desmotivadas e desconectadas da atividade. E foi em um encontro, especialmente marcante, que o trabalho adquiriu novos contornos. Neste dia, a professora leu a primeira história reescrita por ela a partir da escuta de uma das idosas - tal escritura não era apenas a transcrição do texto falado, mas um texto remodelado - atravessado pela subjetividade da interlocutora/escritora. Esse momento foi bastante significativo: deu-se um novo valor às narrativas, promovendo o reconhecimento de suas experiências como memórias passíveis de afetar e deslocar as pessoas para lugares interessantes e inesperados. A leitura impactou significativamente tanto as idosas como as estudantes, que passaram a perceber as histórias contadas como algo que ganharia existência para além do momento da fala.

Nos encontros sequenciais, as estudantes procederam do mesmo modo, após escutarem a história de cada idosa, elas se organizavam para redigi-las e, na semana seguinte, liam seus manuscritos na grande roda. Importante salientar que as escrituras realizadas pelas estudantes também não eram simples transcrições dos relatos orais das idosas, mas textos polifônicos enviesados pelos efeitos e afetos dos encontros entre as duas gerações.

Isso porque, como acentua Bakhtin (2003), a palavra dita ou escrita não pertence exclusivamente à quem a enuncia, ela sempre se situa no território comum entre diferentes pessoas, compondo e recompondo sentidos. De modo semelhante, o autor refere que a escuta nunca é passiva, mas permeada pela atitude responsiva ativa do interlocutor, o que implica interpretação e transformação constantes. Aquele que enuncia sempre tem uma expectativa de resposta e foi isso o que as estudantes realizaram - constituíram-se enquanto interlocutoras atentas e responsivas à oralidade das idosas - atribuindo sentido e significado a seus enunciados.

Ao transcorrer da vivência revelou que as narrativas ultrapassaram o objetivo primeiro, o que inicialmente começou como um espaço desinteressado de partilhas de histórias, logo se transformou em um espaço de cuidado, acolhimento e construção de vínculos. As estudantes puderam apreender a transformação das idosas - no começo receosas e contidas, desconexas e, mais tarde, envolvidas,



protagonistas de suas narrativas e reconhecidas por suas vivências extraordinárias. Diante disso, a pesquisa evidenciou os efeitos de uma escuta curiosa, sensível e interessada.

Tal efeito reforça a teoria de Bakhtin (2002) segundo a qual a linguagem é sempre enunciação e só pode ser compreendida diante de um contexto social concreto. Para ele, a enunciação presume a presença de um outro e cada palavra é uma resposta a outras palavras. Ou seja, falar é sempre responder a algo/algum e esperar uma resposta. E foi a partir do reposicionamento das estudantes que as idosas também se reposicionaram - do lugar de onde não tinham porque nem o que dizer, para um jorrar de histórias.

Sobre este papel do outro na constituição da linguagem, Vigotski (2001) ressalta que, por ela ser um instrumento simbólico construído socialmente, se enriquece nas interações sociais. De acordo com o autor, a linguagem do outro medeia a estruturação e a organização de nossa própria linguagem e pensamento, sendo que a relação entre ambos é um processo vivo. Diz ele que o pensamento nasce através das palavras e uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, do mesmo modo que um pensamento não expresso por palavras permanece como sombra (VYGOTSKI, 2001).

Neste sentido, o trabalho de reelaboração das palavras das idosas, por meio das palavras das estudantes, apresentou-se como uma prática de linguagem capaz de deslocar aquelas para a constituição de novos sentidos sobre suas narrativas autobiográficas, bem como, para a organização e reestruturação do próprio narrar, lembrar, significar.

2.5 RESSIGNIFICAÇÃO DOS ENREDOS DE VIDA

A cada encontro, o envolvimento e a animação das idosas deixava clara a satisfação que sentiam ao ouvir suas histórias contadas por outras pessoas - histórias que saltavam do terreno individual para serem lançadas ao universo coletivo. Tal efeito é atribuído ao fato de que as histórias orais, reescritas pelas alunas continham uma dimensão mágico-poética - acrescentavam acontecimentos, personagens e cenários - que não compunham as narrativas primeiras das idosas, mas foram alcançadas pelas estudantes por meio da experiência estética propiciada pelo encontro.

Vale dizer que, no início, as idosas consideravam suas histórias insignificantes, ou não interessantes - o que foi mudando semana a semana, a ponto de haver encontros em que faltava tempo para tantas partilhas. Essa mudança de julgamento e contemplação de suas próprias histórias revelou-se um momento essencial, pois salientou os efeitos trazidos pela ação em cada uma delas.

Para Machado (2004) a história tem o poder de iluminar o possível e o impossível, permite vislumbrar caminhos, devolve o sonho; e as estudantes, ao apresentarem elementos que entrelaçavam o faz de conta à realidade vivida pelas idosas, mostraram que, por meio da linguagem, tudo é possível e tudo pode acabar bem. Para a autora, quando escutamos histórias que falam das profundezas



humanas, somos levados a nossas próprias profundezas e passeamos pelas nossas próprias paisagens internas.

Na ação das estudantes, uma vivência antes não contada por constrangimento, desinteresse ou temor, passou a ser vista como uma experiência que merece registro e partilha. Isso ficou claro no momento em que, ao ouvirem suas histórias, muitas idosas perguntaram se poderiam recebê-las digitalizadas para poderem enviar a parentes distantes. Além disso, segundo relatos das participantes, a história manuscrita, entregue a elas, não foi tomada como um simples papel, mas como um presente que guardariam com zelo e prestígio.

Como sugere Machado (2004) ao entrar em contato com as narrativas, é como se entrássemos em contato com aquilo que faz sentido em nossa própria vida. As regras e os condicionamentos do cotidiano parecem desaparecer e o que vem, o que surge, o que emerge das profundezas da alma são as coisas valorosas da vida, aquilo que nos faz ser um ser humano de verdade.

Ao fim deste trabalho constatou-se a ampliação do vínculo entre as estudantes e as idosas e observou-se que partilhar histórias é, antes de tudo, um ato de resistência e de vida, e que escutar com interesse, curiosidade e sensibilidade é um dos gestos mais potentes que podemos oferecer ao outro.

Sobre isso, Bakhtin (2003) comenta que a constituição do sujeito é sempre em relação a outras pessoas, para o autor, o “eu” se forma no encontro com o “tu”, de modo que só existimos porque o outro nos reconhece como sujeitos. Bakhtin (2003) também refere que o sentido do que eu falo só existe diante da compreensão do outro. Desta forma, ao se propor um trabalho com vistas a potencializar as pessoas idosas como sujeitos de linguagem, é preciso investir na escuta interessada e atenta a seus enunciados, e se colocar como interlocutor ativo - disposto a partilhar os efeitos e os afetos de suas palavras.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este percurso de escuta sensível e escrita poética das narrativas orais das pessoas idosas permitiu reafirmar a ideia que já se tinha a priori - contar a própria história não é somente revirar o passado, mas presentificá-lo e ressignificar o sentido de toda existência.

Ao criar-se um espaço intergeracional onde o lembrar e o contar protagonizaram, foi possível ampliar os vínculos entre diferentes períodos etários e atribuir um sentido maior aos enredos da vida. Assim, se por um lado as idosas tiveram oportunidade de ressignificar suas histórias através do reconto das estudantes, estas, por sua vez, puderam experimentar a empatia, compartilhar saberes e práticas culturais de tempos distantes - a ponto de repensarem seus próprios modos de ser e estar no mundo.

Outro aspecto observado foi a mudança de protagonismo das idosas nas trocas discursivas estabelecidas com as estudantes. Se de início havia certo constrangimento e resistência à entrada na enunciação, com o desenvolver do trabalho elas mergulharam na construção e reconstrução de seus



dizeres, experimentando e reelaborando suas narrativas - potencializando-se como interlocutoras na e da linguagem.

A pesquisa também revela a importância dos espaços não formais de aprendizagem para pessoas idosas, especialmente quando o objetivo destes espaços é deslocar estas pessoas para inusitados pensares e fazeres - sobre si e sobre o contexto que as envolve.

Como desdobramento desta pesquisa/ação, sugere-se que estas histórias possam circular em outros contextos escolares - de modo a enriquecer e ampliar a escuta e a partilha do patrimônio cultural cultivado pelas pessoas que envelhecem.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.. Estética da Criação Verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002.

FERREIRA, C.K. et. al. Encontros intergeracionais mediados pela linguagem na visão de jovens e de idosos. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 253-263, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/20409>. Acesso: 21 jul. 2025.

FILHO, P.P.S.; MASSI, G.A. Letramento de idosos brasileiros acima de 65 anos. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 267-276, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/16513>. Acesso: 21 jul. 2025.

MACHADO, R.S.B. Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

MASSI, G.A.A.; LOURENÇO, R.C.C. Linguagem e velhice: considerações acerca do papel da escrita no processo de envelhecimento. In: LOURENÇO, R.C.C.; PEREIRA, M.S. (org.). *Linguagem e envelhecimento: aspectos clínicos e sociais*. Curitiba: Juruá, 2011. p. 87-102.

REIMANN, A.P.; MASSI, G.. Atividades grupais com a linguagem no envelhecer. *Tuiuti: Ciência e Cultura*. v. 4, n. 47, p. 199-212, 2013. Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/h/article/view/968>. Acesso em: 21 jul. 2025.

SANTOS, D.C.; MASSI, G.A.A. Qualidade de vida no processo do envelhecimento ativo. *Tuiuti: Ciência e Cultura*, v. 4, n. 54, p. 139-151, 2018. Disponível em: <https://revistas.utp.br/index.php/h/article/view/1030>. Acesso em: 21 jul. 2025.

TORQUATO, R.; MASSI, G.; SANTANA, A.P. Envelhecimento e letramento: a leitura e a escrita na perspectiva de pessoas com mais de 60 anos de idade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 89-98, 2011. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-596087>. Acesso em: 21 jul. 2025.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKI, L.S. Obras escogidas III: História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Madrid: Visor, 1931/1995.

